

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

3 - maio 1962

MOSCADA

CHER



Minchillo

HELIO MORGANTI

O SIMBOLO MOÇO DE UMA TRADIÇÃO GLORIOSA
DA ECONOMIA BRASILEIRA.

ANDAR 13º PRAT. C
EST. 2 Nº de CRD.

Moscardo

MOSCARDO — (m.) — Tavão; moscão. (Gir.) — Bofetão. (De "môscã").
Cândido de Figueiredo.

Humorístico, Crítico, Ilustrado

Sae quando pode (e se o deixam sair) aos sábados.

DIRETOR:
VICENTE RAGO NETTI

SECRETARIO:
ERCOLE CILENTO

Escritorios:
Rua Asdrubal do Nascimento N.º 114
Telefone: 4-10-63

TODA A CORRESPONDENCIA
PARA A
CAIXA POSTAL 3653

Assinaturas:

UM ANO
DE CAMARADA.

5 0 \$ 0 0 0

NO DURO:

2 0 \$ 0 0 0

NUMERO AVULSO

2 0 0 R É I S

1.ª ÉPOCA

1925 — Fundação

2.ª ÉPOCA

1933 — Ressurreição

3.ª ÉPOCA

1938

De "Moscone" a "Moscardo"

4.ª ÉPOCA

1941

MOSCARDO: — do idioma confuso
à ortografia indígena.

23 DE MAIO DE 1942

S. PAULO — BRASIL

Num. 689

O Homem e o seu Mundo

Posto, contra a sua vontade, e com brutalidade, na frente do conflito armado que ensanguenta o universo, sob o frenesi de uma endomose composta de absurdas idealidades pela posse da mais simples finalidade, o Homem estaca, perplexo e confuso, na minuciosa análise dos problemas que são provocados pela disparidade das suas mais íntimas tendências espirituais. Espírito ou matéria? Que é, afinal, o Homem na plasticidade do universo, como elemento de concepção organizadora? Se é composto de matéria somente, por que, então, mais do que o espírito de conservação, não o nutre, na sua diuturna empolgadura, o espírito de rebelião e, molécula da natureza, não se resigna a vegetar como uma planta, como uma fera? Se, ao contrário, é somente o espírito que, na sua cooperação latente, arqueja a matéria com as suas bem distribuídas emoções, por que, então, servindo-se das belezas materiais que lhe oferece o cérebro, na sua constante elaboração progressivista, não cumpre a sua missão na paz de todas as sensibilidades, sob a tranquilidade da consciência movida pelo bem da coletividade, com o mínimo sacrifício de todos? Que é o Homem? Que é o Mundo? O Mundo é o globo das matérias diversas dirigido pelo eterno espírito do Homem? Não morre o Mundo, na sua rodura eterna, e não morre o Homem, na perpetuação do Espírito, de geração em geração, na harmônica e nobre fãina de sustentar a imortalidade da alma orientadora do universo? Se é esta a solução das intrincadas dúvidas da psique humana, por que, então, as horripilantes ingresias que inspiram e nutrem os instintos de ferocidade incrível das multidões açuladas e encolerizadas?

O Homem é o Mundo. Cada Homem é um Mundo dentro de si mesmo. "The world is a looking-glass — murmura, na sua "Vanity Fair" o sereno Tackeray — and gives back to every man the reflection of is own face". O mundo é um espelho, que reflete a cada um a imagem do próprio rosto. Dentro de si mesmo, o Homem tem o seu Mundo oculto e na visão dos outros; o Mundo que é feito pelos seus sentidos mais emocionais e o Mundo que é composto pelas sensibilidades mais agudas dos outros. Matizado de egoísmo e de orgulho, de ambição e de vaidade, o Homem, então, compõe, na matreirice da sua experiência e da sua inteligência, sob o atroz jugo do interesse, o seu Mundo, que deverá constituir para si o paraíso das suas satisfações, e o inferno das decepções para os outros. "Il mondo é una lega di birbanti contro gli uomini da bene — clamava, com desencanto e com desespero, Giacomo Leopardi — e di vili contro i generosi". O Mundo, que é, na essência, a Natureza, amalgamado pelo Homem, que é a Inteligência, outra cousa não constitui, na sua forma coletiva, do que o paraíso das tendências ingêntas satisfeitas para uma privilegiada turba, e o inferno insolúvel das mais impelentes necessidades para a infinita falange dos seres desafortunados. E porque o Homem é o Mundo, e porque o Mundo é a Matéria, e o Homem é o Espírito, cada Homem quer construir o seu Mundo, o Mundo para a sua Coletividade, e daí o choque bélico dos interesses entre aqueles que não querem renunciar a um pouco do muito que ostentam, e os outros que nada possuem no seu mundo e querem um pouco do mundo dos outros. Ensina Chamfort: "La société est composée de deux grandes classes: ceux qu'ant plus de diners que d'appétit, et ceux qui ont plus d'appétit que de diners". Na hedionda porfia de conquistar o seu mundo, os homens tornam-se feras, olvidam o espírito e confundem-se com a matéria do universo.

Por conseguinte, toda a lide é inútil. Para cada Homem, o seu Mundo, pois o mundo não é dos homens. "Die Menschenheit ist die Unsterblichkeit der sterblichen Menschen" — resignado, observava Borne: a humanidade é a imortalidade do homem mortal. Inúteis e improriativas todas as guerras, feitas em nome de todos os princípios, na defesa de qualquer ideal; se o Sol foi feito para todos, cada Homem, no seu cerne, constrói o seu Mundo. Mas o Mundo não foi feito para cada Homem!

IMPROPRIOS PARA MENORES



Babá Pitanga, que é, indiscutivelmente, a mais inteligente e a mais complicada das nossas "virtuosas" do amor, transeorreu, a semana passada, todinha, no apartamento de um grupo de "lions", de chácara e de sítio, da nossa mais fina sociedade. O Franz Schulz, o ariano mais indígena da nossa terra, que anda "bancando" a Babá, tonto de raiva e vermelho de indignação, chamou às falas a tréfega Babá.

— Você dormiu com o Caio Ramos!

— Não é ele, como ficou combinado, o rapaz mais bonito da cidade?

— Com o Pinto Alves, o tal de Tico-Tico!

— Ele vai casar. Tornou-se, portanto, um objeto de luxo.

— Com o Paulo Aquino!

— Ele trata tão bem dos cavalos!

— Com o Alfredo de Souza Ramos!

— Ele é tão alto e tão forte!

— Está bem, muito bem — rematou o Franz — Diga-me: você dormiu até com o indecifrável Caio Furtado! Que tem ele de extraordinário?

— Ah, meu caro! — replicou, com displicência, a Babá — Ele é tão seu amigo!

Mimi Lara, o mais inteligente dos Lara, estava à espera de um bonde, na rua Libero Bazaró, quando um mendigo, cego e aleijado, avizinhou-se dele e pediu-lhe, com humildade:

— Meu senhor, tenha piedade de um pobre cego e aleijado, que perdeu todos os prazeres do mundo!

— Coitado! — exclama o Mimi, e, enquanto dá um níquel de cem réis ao pedinte, pergunta ao coronel Artigas, que lhe está perto: — Ele é talvez eunuco?

O dr. Fabio Prado, depois do almoço, desce ao jardim de inverno da sua linda vila, e, sentando-se numa das suas macias poltronas, espera, olhando o céu e cheirando as flores do seu jardim, que o estômago faça tranquilamente a sua digestão. Outro dia, o dr. Fabio a-

chava-se ocupado no cumprimento dessa forçada missão do seu corpo, quando um seu criado precipitou-se no jardim e, todo atrapalhado, explodiu:

— Doutor... doutor... Um caso excepcional... Um caso escandaloso...

— Que foi? — pergunta, um tanto zangado, o dr. Fabio, porque não gosta de ser incomodado no momento ritual da sua digestão.

— A madre superiora do convento aqui vizinho deu à luz dois gêmeos...

— E é por causa disso que você me incomoda? — estrilou o dr. Fabio — Onde é que está o caso extraordinário? Tivesse sido um frade, ainda vá lá...

E, despedindo o criado, continuou a esperar a digestão...

Julio Llorente, o paredro cinematográfico que dirige a Empresa Serrador com o seu melhor sorriso, deu de presente, há dias, ao João Quadros Junior, o homem que toca os sete instrumentos de toda a orquestra financeira, uma carabina para ir caçar durante os seus divertidos sábados ingleses.

— Olhe: presentear uma carabina dá azar... — avisou o Llorente, que é supersticioso mais do que o dr. Vicente Rão — Passa para cá 200 réis.

O Quadros pediu cinco minutos, para estudar o caso. Exa-

minou a carabina, pensou um pouco e, no fim, puxou do bolso uma moeda de 400 réis.

— Não tenho troco — desculpou-se o Llorente.

— Não faz mal — respondeu conciliante e camarada, o Quadros — Fique com o resto. Quer dizer que, ao envez de uma, dar-me-á duas carabinas.

No consultório do dr. Braz Gravina, o jovem e ilustre médico da nossa cidade, entrou Madame Mercedes Coxilha, quarentona que ainda não quer renunciar à beleza e à mocidade, e, com um certo desespero, falou ao médico:

— Doutor, doutor, querido doutor, estou com os seios caídos... Que devo fazer?, doutor, querido doutor?

— Recolhê-los... — respondeu, com simplicidade, o dr. Gravina.

Madame Maria Eulalia Tejedor, entre uma chácara de chá e outra, na Confeitaria Vienense, confessa à sua amiga, madame Maria Cecilia Vilegas:

— Não vou mais ao apartamento do Quirino da Silva, porque na última vez que lá fui recebei-me com dureza.

— E ainda se queixa? — insistiu madame Maria Cecilia, mordendo, com calma e com volúpia, com os seus bons dentes, a última merenque do seu chá.

COMP. MERCANTIL E BANCARIA

"ALBERTO BONFIGLIOLI"

A maior organização da América do Sul — Despachos nas Alfândegas de Santos e Rio

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO — COLIS POSTAUX

Departamento Bancario

CASA BANCARIA

ALBERTO BONFIGLIOLI S. A.

Uma perfeita e moderna organização — Efetua todas as operações bancárias

DEPOSITOS — COBRANÇAS — CAUÇÕES — DESCONTOS

Rua 3 de Dezembro, 50 — SÃO PAULO

Telefone, 2-7121 (rede interna)

TACAPETADAS

CACETE.

O dr. que é também prof. Leonardo Pinto, poliglota de todas as gemas, explica que "cacete é um páu curto e grosso". Um páu curto e grosso? Diria, então, o Ezio Moncassoli, artista com vontade de ser capitalista:

— Salvo seja!

Mas há mais. O prof. Francisco Isoldi, o São Francisco de Assis da nossa cultura — cultura internacional ao sabôr indígena — ilumina: "Cacete é bordão, grosso numa das extremidades, é maçada, é impertinência, e, do ponto de vista da adjetivação brasileira, diminutivo de "caço" no sentido de moça". Ora, o que tem a vêr "caço" com moça, e com cacete, isto é cousa que somente o Napoleão Mendes de Almeida, o ditador das questões vernáculas, é que pôde resolver.

Certo ou errado, o que é certo e não é errado é o fato de que nós, nas nossas palestras mais ou menos "à la brasileira", usamos o "cacete" para denominar um sujeito páu, maçador, amolante, intragável, assim como o Emídio Falchi, que vem com aquele seu modo lesco lesco de querer ser simpático a força, com a rotineira e tola pergunta:

— Você sabe da "última"?

Sílvio Carlini, o gentleman que fala pouco, mas decide muito, tem o seu ponto de vista sobre o seu "cacete". De resto, cada qual tem o seu pendôr para o seu "cacete". Ele define o negócio assim: o "cacete" é o camarada que quando você lhe pergunta como vai, êle sente a necessidade de lhe contar todos os pormenores da sua saúde. O Antonio Capuano, que é o príncipe dos "caceteiros", lhe conta quantos pães vendeu e quantos quilos de macarrão produz ao mês, com todos os particulares sobre a qualidade de farinhas usadas.

Conta o doutor Emanuele Sapóriti, o cientista que fala pouco e corta muito, que se pode matar um sujeito qualquer fazendo-lhe cócegas na planta dos pés.

— Deve ser interessante — murmura o com. Alberto Ferrabino — um cabra qualquer morrer de cócegas.

— Não acredito — não acredito o dr. Plínio Barreto, o escritor que como jornalista é um ótimo advogado — que os anais judiciários tenham jamais registado um homicídio cometido com semelhante meio; não posso deixar de vêr no tipo-cacete uma espécie de criminoso inconciente que faz cócegas na planta dos pés da alma.

— Bonito! — exclama o Guilherme de Almeida, lendo isto.

Serafim Fileppo, que anda ranzinza com tudo e com todos, não tem papas na língua e acha que o maçador é o indivíduo que lhe



— Fessô, não o enerva passar toda a vida ouvindo lições de piano?

— Não, porque sou surdo.

tolhe a solidão e não lhe faz companhia.

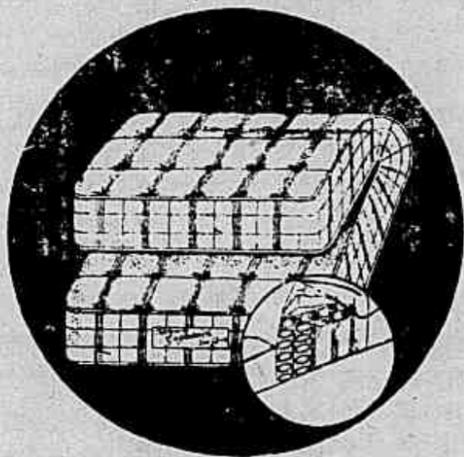
— Para mim — esclarece o Angelo Poci, que é "carona" dos jornais — o maçador é o sujeito que me pede dinheiro.

Para um homem como o conde Ugliengo, como o marquês Lunardelli, como o conde Chiquinho, o maior cacete é o... telefone. Ninguém usa o telefone contra semelhantes paredros das nossas finanças senão é para... pedir água, nestes tempos de... calor insuportável.

— De resto — conta o grande oficial Artur Odescalchi, com o seu linguajar "à la Guinle" — não é preciso ser um Ugliengo, um Lunardelli, um Chiquinho para que o telefone seja cacete. Eu mesmo sou procurado, por via telefônica, para dar um óbulo a tal casa de beneficência, para dar uma assinatura para a outra lista de prendas, para isto, para aquilo, e sempre para abrir o bolso e fechar os olhos...

— O segredo de vencer na vida — elucida o cav. Estevam Margutti, que é cavalheiro oficial e é também cavalheiro social — é não ser cacete, ser oportuno, não meter-se muito na vista, ser procurado, ser desejado, ser caixa de fósforos e bancar fósforo, enfim, mostrar que vai, mas que não vai...

— Mas há tanta gente na vida que venceu — protesta o Cinquini — e ainda continua cacete...



COLCHÃO DE MOLAS "MARAVILHA"

"TIPO AMERICANO"

- SILENCIOSO
- CONFORTAVEL
- HIGIENICO
- DURAVEL

Fabricação da

CASA GUGLIEMMETTI

RUA VITORIA, 826

Telefone 4-4302

SÃO PAULO

MOSCARDO



— Filho ingrato! Por que não foi ouvir a conferência do prof. Atilio Venturi?

— Mamãe, não fui, porque o professor, quando fala, cospe na cara da gente!

CALÇADOS?

S O M E N T E

N A P O L I !



Hemorroidas

internas e externas — Hemorrágicas ou ulceradas — desaparecem em poucos dias, usando a pomada, MARROHINDY.

Tonturas, vertigens, cabeça pesada, prisão de ventre, nervosismo, são muitas vezes consequências das Hemorroidas.

Curem suas Hemorroides, usando a POMADA MARROHINDY e evitarão esses encomodos

— A POMADA MARROHINDY —

encontra-se em todas as Drogarias e Farmácias

São Paulo — Telefone: 7-0151

LABORATORIO D.^R LUIZ MIGLIANO

Analises completas de urina, fezes, escarros, pús, sangue, etc.

Auto-vaccinas, sôro — diagnoses

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 73 (Esquina Quintino Bocayuva)

Aberto das 8 ás 18 horas

Phone: 2-0425

Diretor scient.
Dr. LUIZ MIGLIANO

Chimico auxiliar
MARIO FERREIRA MIGLIANO



MEU FELIZ
AMIGO

UM PREMIO AO COMPRADOR!

A "CASA MASETTI", que, por tradição, cuida, com desvelo especial, dos seus fieis fregueses, dará a cada COMPRADOR um COUPON numerado que lhe dará direito a concorrer ao sorteio de lindos e artísticos objetos que se acham em exposição nas suas grandes lojas.

CASA MASETTI

A CASA DOS BONS RELOGIOS

Vendemos tambem em 10 Pagamentos

RUA DO SEMINARIO N.º 131

Que não falha
um RELOGIO SUISSE.

Perfecta

OBRA PRIMA DA TÉCNICA MODERNA

OS INGENUOS ESPIÕES



— Não pode passar! Tem que declarar quem é!

— Vê lá se sou besta de dizer que sou espião!

NA FALTA DE GAZOLINA



— Gasta muito a sua máquina?

— Não. Com três fundos de calça, eu aguento com ela um ano.



— Sabe que às vezes os médicos acertam? Hontem procurei um deles, e me disse que eu não tinha nada. De fato, não tinha nem um tostão no bolso!

Casa **ANGLO-BRASILEIRA**
SUCESSORA DE
MAPPIN STORES

GRAVATAS DE LÃ



Criações originais do
México, Inglaterra e
Estados Unidos.

25\$ E 35\$

GRAVATAS DE SEDA

Distinta coleção importada e produções nacionais do mais requintado gosto.

- Seção de Camisaria (Loja)

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Sucessora de MAPPIN STORES

Hotel São Bento

O MAIS CENTRAL E O DE MAIOR CONFORTO NO MAIOR
E MAIS CONFORTAVEL PREDIO DE S. PAULO.

PREDIO MARTINELLI

Rua São Bento, 405

Telefone: 2-31-66

(Ramais internos)

MOSCARDO

Ladies
and
gentlemen



O PROFESSOR — Admiro-me, senhorita, como não sabe o dia do seu aniversário!

— Não posso sabê-lo, fessô! Nasci no dia de Páscoa e a Páscoa ora é num dia e ora em outro...

Madame, poucos meses antes de ser madame, era uma mademoiselle muito viva, muito brejeira, muito namoradeira e, sobretudo, muito prática. Teve um exército de cortejadores, e uma verdadeira falange de namorados. Nunca, va sans dire, paixão. Qualquer que fosse o indivíduo, — moço ou velho, bonito ou feio, tímido ou audacioso — que

Pregos — Parafusos — Roscas — Dados — Ruelas — Arame de metal e de cobre — Eixos para transmissões, etc.

NICOLA GALLUCCI

RUA FLORENCIO DE ABREU, 338

Telef: 2-9933 e 2-9922

S. PAULO

lhe fizesse a cõrte, Madame, então Mademoiselle, aceitava o namoro, com verdadeiro entusiasmo. Depois de três meses de lero lero, de água vem e água vai, Mademoiselle, então, lançava o seu áardo preferido:

— Há aí um rapaz, pobre, mas honesto, com bom ordenado, com boas intenções, e quer casar comigo, já já, neste mesmo mês... Que diz você?

Naturalmente, o eventual e casual namorado de Mademoiselle ficava perplexo, surpreso, boquiaberto, e respondia, maquinalmente:

— Você, querida, sabe o que deve fazer. Eu, no momento, não posso casar com você. Se você poder esperar, então...

— Não — replicava com vivacidade Mademoiselle — eu prefiro você; mas, você compreende, eu preciso casar... Sou só, no mundo, e adoro um lar. Se você não pode casar comigo já, então eu renuncio ao seu amor e sacrifique-me por amor ao meu lar...

A cousa foi indo, indo, até que Mademoiselle encontrou o seu homem que caíu no "conto do casamento" e que lhe respondeu como ela desejava:

— Não se preocupe com isso, querida. Se o tal quer casar com você já já, eu também quero. Neste mesmo mês vou casar com você.

E casou mesmo. Agora Mademoiselle, que era tão viva em solteira, tornou-se, casada, uma Madame vivíssima. E continúa

com o seu temperamento de sempre.

Antes tinha um exército de namorados. Agora tem um exército de amantes.

Madame, com as suas três filhas, filhas adoráveis, educadíssimas, finíssimas, cultas, muito cultas, esteve numa estação de águas minerais, e voltou, depois das três clássicas semanas, mais alegre, mais disposta, mais moça, mais cordial.

— Então — perguntou-lhe a sua amiga íntima, do tempo do collegio, também esposa exemplar e mãe afetuosíssima — pelo que vejo, a estação fer-lhe muito bem, e teve o efeito desejado, não é assim?

— Se teve, querida minha amiga! — respondeu, triunfante, Madame. E, com alegria infinda, comunicou: — A maior das minhas três filhas, finalmente, encontrou um marido!

Messieur foi um "viveur" consumado, batido, sabido, experimentado, e teve as suas belas aventuras, todas as Amelias do gênero feminino, todas as paixões de todas as cores, os amores mais complicados, mais difíceis, mais perigosos, mais cheios de "its", e chegara, risonho e satisfeito, aos sessenta anos, com o corpo ágil e com a alma ainda cheia de sonhos.

Um dia, quando menos se esperava, os amigos todos souberam de uma notícia sensacional: messieur tinha resolvido passar desta para melhor vida, e ia casar com uma lindíssima Mademoiselle de vinte e cinco anos, apetitosa como um morango e macia como um creme de chantilly. O seu amigo inseparável e íntimo, então, entre um coaktail e outro, ousou observar-lhe:

— Mas você pensou bem no que vai fazer? Casar com a sua idade? Casar, ademais, com uma moça de vinte e poucos anos? Não se lembra que possui sessenta anos, bem feitos e bem vividos?

— Pensei em tudo isso, e não me arrependo do passo que vou dar. Prefiro ser enganado aos sessenta anos, que tê-lo sido aos trinta!

MISTER LURE

FÁBRICA DE MOVEIS BRASIL

Moveis finos, de primeira qualidade, para todos os gostos, ótimos e vistosos, por preços vantajosos.

A Fábrica está aparelhada para receber encomendas de qualquer parte do Interior do Estado.

Grande estoque de colchões, travesseiros, almofadas, tapetes e congoleum.

Aos clientes do Interior mandaremos catálogos para orientá-los nas suas compras.

Vendas à vista com desconto e vendas a crédito com pagamento a longo prazo.

AV. CELSO GARCIA, 174 — Telefone: 3-3000 — S. PAULO

Prolegômeno bélico

1. Penso que este é um livro fóra de moda. Não se concebe uma modesta batalha intelectual, quando os continentes reduzem as batalhas integrais pela destruição total das multidões sofredoras, imputadas unicamente do crime sagrado de querer ter o direito precioso de viver.

As massas, na era heroicamente brutal que suportam, não vivem a sua vida: vivem o seu dia e, muitas vezes, a sua hora. Dia ou hora, não de lazer, não de trabalho, não de produção, não de construção, mas de terror. Nunca como agora, os homens, os dominadores da terra, tiveram tanto arrependimento de pisarem a terra. Nunca, como agora, os seres, que tiveram o privilégio de poder usar o cérebro, gostariam de olvidar a alma que nutre espiritualmente o seu corpo. Nunca, como agora, os que nasceram preferiam ter morrido antes de 1939...

Temos as batalhas de verdade. Inútil, portanto, a batalha inócua da mentira. Mentira, pois caldeava-se no âmago a bonita ilusão de que os homens saberiam compreender-se...

2.

Fóra de moda e, portanto, bom para o fogo. Destino do universo, talvez, no seu ocaso de civilização para que o homem aprenda, sob as leis da bondade infinita, a viver. A lenda continua a ser a mentira mais bonita da estirpe que se renova. E houve, um tempo, no tempo que se perde na noite do obscurantismo indagável, que uma lenda serviu de móbida para as multidões desvairadas: a lenda da arca de Noé e do dilúvio universal. O universo sucumbiu sob as águas revoltas e apareceu a humanidade, na sua coletiva desgraça, para renovar-se, depois, na acumulação dos séculos, com corpo novo e alma nova. Talvez também então o homem destruía, porque se havia esquecido da arte de construir. Talvez também então o homem matava o homem, porque se tinha convencido de que o homem era mais fêra do que a fêra, pois que a fêra da civilização era mais perigosa e mais terrível do que a fêra das matas virgens. Talvez também então os dogmas da solidariedade espiritual tinham sido superados e patrulhados pelas doutrinas ásperas e selvagens da

crua necessidade de matar para viver, de viver para matar. Na sua fúria de sanja de sanguificação, a multidão exterminou a multidão, e todas as águas, em sinal de indignação, assolaram o universo. Talvez lenda. Talvez verdade. Pois não será uma lenda, para as gerações vindouras, a história que, com fogo e sangue, agora, a humanidade está sofrendo?

3.

A humanidade, como o meu livro, está também fóra da moda: bôa para o fogo. A água, então, não serviu para modificar-lhe o espírito. Talvez sirva o fogo. E então, o mundo está sendo parcialmente queimado. Tivemos o dilúvio universal. Talvez estejamos, sem o perceber, sob o incêndio universal. Outrora foi o dilúvio de águas: hoje, com certeza, temos o dilúvio de labaredas. Da terra subiu a água para cobrir o globo, e lavar os pecados da humanidade corruta e cruenta. Do céu, agora, vem o fogo para extirpar do universo os cancores humanos que fizeram apodrecer a mundo.

Mais do que a batalha das idéias, é esta a batalha do fogo. Assistimos à metempsicose de Nero. O nefasto imperador romano vestiu-se de multidão e pôs fogo no mundo. Tivemos, na história que nos contam, o incêndio de Roma, para a satisfação do instinto de um Nero. Temos, na história que nos obrigam a viver, o incêndio do mundo, para a expiação dos Neros-multidões.

4.

Mas há, acima de todos os derrotações espirituais de cada um, acima de todos os desesperos de uma massa escravizada e torturada, um sentimento, que é o último aguilhão da existência do indivíduo e o último polen de uma coletividade desorientada: a esperança. Em surdina sôa o canto suave de Longfellow: "All things come to him who will but wait". Tudo vem para quem sabe esperar.

Cansada, talvez, de lutar pelo supremo ideal de bondade e de amor ao próximo, a humanidade atirou-se ao fogo da destruição, e não sabe, no momento, esperar, esquecendo de tudo e de todos. Durante uma tregua qualquer, voltará, com certeza, a saber esperar. E terá fé na paz, e terá

paz com a sua fé, e terá fé em si mesmo, e fé no mundo.

Livro feito para a paz dos espíritos, publicado em tempos de guerra, não foi ao fogo porque me nutro de uma esperança: desta fogueira humana sairá ilesa a alma dos homens. Surgirá então a lenda lúgubre: a lenda da malvadeza de uma geração que a um livro — que é a alma do espírito — preferiu um mosquetão — que é o símbolo da barbaria dos séres.

5.

A vida, então, continuará na sua missão de viver e de construir. Não se deve descrever da vida. Deve-se vê-la virtude acima de todos os vícios. Acima de todas as mortes, continua a vida. Na porfia eterna entre a morte e a vida, é sempre a vida a que vence. O mundo, assim, tem a continuação da sua marcha, na sua senda de progresso, de evolução, de civilização. A existência torna-se a quimera bonita de quem sabe viver nas vésperas. Nas vésperas de cada acontecimento ou de cada triunfo, nas vésperas de outra vida é que a vida se torna mais bela.

6.

Depois do dilúvio universal — além da lenda ou além da verdade, porque, sem rebuços, a lenda é a verdade e a verdade é a lenda — a vida tomou, novamente, e com maior vigor, o seu ritmo sincopado. Depois da fogueira universal, que hoje queima o mundo, provavelmente, a vida continuará com as suas luzes de esclarecimentos e com as suas sombras de tranquilidade. Terá, então, a humanidade a soberba e suprema maravilha de saber que existe.

James Thompson ilumina: "Life is a dream in Death's eternal sleep". A vida, por conseguinte, é o sonho no eterno sono da morte. Em substância, a vida é o sonho da morte. Sem a vida, a morte não tem sonho.

Vivemos uma época absurda, agitada, nervosa, incrível: em cada um de nós fazemos da morte o sonho no eterno sono da vida. Não será isso eterno. Eternidade é sinônimo de vida. Vida é espírito. Assistimos hoje à morte do espírito. Depois da fogueira humana, assistiremos, então, à morte da vida de hoje!

VICENTE RAGOGNETTI



— Como foi que o senhor ficou careca?

— É que cada vez que traía minha mulher tirava um cabelo, pelo remorso.

A PESCARIA DA

HALADMAH RUA ANHANGABAHU
AINDA SE ENCONTRA
NO MESMO LUGAR!



Recebem diariamente do Rio de Janeiro e de Santos sempre: PEIXES E CAMARÕES frescos

PREÇOS REDUZIDOS
SALVADOR RUSSO & IRMÃO
Rua Anhangabahú
Telefone 4-1886



— Gostaria de comer uma omeleta somente de... ovos. Mas dizem que os ovos agora estão bem caros. Por que? Será que as galinhas não os botam mais?

— Querida, com esta guerra, as coisas estão tão incertas, que todos se restringem...



A Inspiração de uma carícia

As boas mães são fecundas em descobrir o que mais agrada aos seus bebês. Esta, após o banho da criança, polvilha-a com Talciform — tão fino que é impalpável e tão macio que é uma carícia — com aquele grau de pureza que distingue os produtos de alta classe.



DR. B. RUBBO

Médico cirurgião e obstétrico — Habilitado pela Faculdade da Bahia — Ex-cirurgião dos Hospitais de Nápoles — Cirurgião do Hospital Humberto I — Das 7 às 9 e da 1 às 3.

Av. Rangel Pestana, 1372
Tel. 2-98-83



— Que é isso? Não é carnaval, nem nada, e você me parece fantasiado?

— É que, com todas as ameaças de ataques aéreos que andam por aí, me disseram que era prudente usar a "máscara"...

Bom Gosto

O MELHOR ENTRE OS MELHORES CAFÉS
AROMÁTICO — LEGÍTIMO — FORTE
QUEM O EXPERIMENTA UMA VEZ,
USA-O A VIDA INTEIRA.

RUA GENERAL CARNEIRO N.º 54 — Telefone: 2-1249

DESEJO DE UMA GRANFINA



— Revistas, revistas e mais revistas... Quem me dera ser eu também uma "re-vista"...

MOSCARDO

RESOLUÇÃO DOS ESTRATEGISTAS DE CAFE'



— Não compreendo por que se chora tanto pelas naves torpedeadas no mar... E eu, com sete presidências de conselho de administração e vários empregos públicos, não fui também torpedeado?

Restaurante Spadoni

— DIRIGIDO POR —

ERNESTO & GIULIO

PROPRIEDADE DE:

JULIO PASQUINI & C.^{IA} L.^{TDA}

A MELHOR COSINHA NO MELHOR PREDIO

AVENIDA IPIRANGA N.º 429 — Telefone: 4-1651

DR. E. SAPORITI

Ex-cirurgião dos Hospitais de Napoles — Cirurgião primário do Hospital Italiano — Alta cirurgia Moléstias das Senhoras — Partos.

Consultas das 14 às 17

RUA SANTA EFIGENIA N. 43 — Telefone: 4-5812

— DR. —

PEDRO ANTONIO FANGANIELLO

Médico-Operador

Doenças internas — Doenças de senhoras — Operações

Consultório: RUA LIBERO BADARO' N. 196 (salas 15 e 16)
Das 15 às 18 horas — Telefone: 2-5336

Residência: AVENIDA RUDGE, 1076 — Telefone: 5-6967

SÃO PAULO

A MARGARIDA

de TRILUSSA
na tradução de
AGOSTINHO SOLIMENE

Uma bela margarida,
Florescente e bem viçosa,
Foi num prado, um dia, mordida
Por uma serpe venenosa!...

— Si soubesses — disse a flôr —
Todo o mal que tu me fazes!
Quanta gente com amargor
Ficaria intoxicada!
Certamente, tu não sabes!
Cada moça enamorada,
Que deseja lér a sina,
Me procura e assim acatada
Quer que a pétala lhe opina
Si é feliz ou desgraçada!

Quer saber si o próprio amor
Corresponde ao seu ideal,
Perguntando-me, com ardor:
(Me quer bem ou me quer mal?)
P'ra fazê-la satisfeita,
P'ra livrá-la da suspeita,
Faço a pétala dizer:
(Ele te ama com prazer!)

— Deve ter-se por lembrança,
Onde existe a Margarida,
Sempre nasce u'a esperança,
Um amor, um coração,
Uma fé, que rege a vida... —
Cada flôr, assim atraída,
A saúda com atenção:
Até mesmo o girasol
Se curvou deixando o Sol.

PERFUMARIA BRUNO

PERFUMARIAS E ARTIGOS

DE TOILETTE

Vendas por Atacado e c. Varejo

Caixa Postal 1206 — Tel. 2-5931

RUA LIBERO BADARO' N. 475

DR. G. FARANO

Ex-cirurgião dos Hospitais
Reunidos de Napoles e do
Hospital Humberto I —
Alta cirurgia — Molestias
das Senhoras

Av. Brig. Luis Antonio, 755

Telefone: 7-4845

MOSCARDO



Eu também vi os "Ballets russes", no teatro Municipal. Fechei os olhos e puz-me a bancar o "mocinho" e sonhei. Sonhei com a música do "Danubio Azul" — o que foi cantado como nunca, o que foi bailado como nenhum outro, o que foi a delícia de todos os românticos que sonharam com Viena e com os seus distribuidores de belezas melódicas — com o "Carnaval" de Fokine, onde também havia Amelia, mas Amelias de luxo, complicadas, intelectuais; com as "Boças de Aurora", onde Nijinsky pôs a sua alma de eslavo e o seu coração do latino, e onde o indígena procurou incessante e inutilmente, a sua Aurora, aquela Aurora que o jazz norte-americano meteu em ritmos sincopados e lesto; com a "Francesca da Rimini", de David Lichine, que me deu uma saudade louca da outra Francesca, a Francesca Bertini, a que era a minha alegria de vinte anos, quando a vida era como a Nana Gollner, uma luz de beleza entre os refletores falsos do mundo.

Eu também vi os "ballets" da Rússia, da outra Rússia, a Imperial, os "balletti", como se dizia então, os "bailados", co-

mo se diz agora, e me perguntei, incrivelmente surpreendido: — Mas, agora, neste mundo de agora, ainda há disso?

Com os seus ritmos alucados, Ray Ventura acordou-me do sonho dos "Ballets Russes". Ray é o espírito moderno da música de hoje, feita com o martelo do jazz e com o material do "swing".

Na orquestra do Ray Ventura quem é mais louco, é

mais interessante. Há, porém, uma vantagem: quem sai de um espetáculo do Ray Ventura, sai dançando. Dansando na corda bamba, mas dança.

A comédia, por enquanto, morreu em São Paulo. Não há que o Genesio Arruda que, no Boa Vista, tenta bancar o malabarista da prosa. Mas continua somente... farsante.

O maestro Armando Belardi continua sempre mais lírico, com a sua lírica nacional. O homem quer cavar o Municipal para, então, fundar, de direito e de fato, o lírico nacional.

— Nas companhias do Piergili — dizia o Belardi ao Giordanino, o capitalista que é sempre artista na alma — há muitos cantores que não cantam nem encantam. Por que, então, não se pode fazer uma companhia nacional de cantores que podem cantar e, talvez, encantar?

Nós esposamos, de bom grado, a causa do Belardi. Aqui, também temos muita gente boa para cantar e para ser... "cantada".

FLY

EM TODA PARTE
café
PARAVENTI

CALOS?

CURITIBINA
CUSTA POUCO E NÃO FALHA!
PRODUTO ELEKEIROZ

— AOS TRES ABRUZOS —

O melhor Pastificio

Os melhores Gêneros

Alimentícios

IRMÃOS LANCI

RUA AMAZONAS, 10-12

— Telefone: 4-2115 —

Estrelas e Vagalumes

Certo é que a gente esperava coisa melhor. Melhor no sentido de encarar a fita como foram sempre encarados, pelo passado, os celuloides de Carlitos: no sentido rigidamente humorístico. O fan armazenou toda a sua vontade de rir com as piadas, as boas piadas do Carlitos, a custa de Hitler, e esperou, com fé e com a máxima tranquilidade, o film que o Cine Opera está exibindo há mais de uma semana. Foi, viu, viu um bocadinho e safu meio desiludido. Não era "aquilo" que ele esperava de um Carlitos que sempre teve das "suas". Não era "isso" o que ele queria de um Chaplin, considerado o Shaw da tela. Não era "assim" o que ele pensava que um artista de Hollywood, com o seu espírito de lei e a sua ironia de classe, iria reduzir o seu plagiário de bigodinho. Na sua maioria, portanto, o publico não gostou da fita. Esperava rir somente, e acabou somente pensando. Gostou do Carlitos-barbeiro, que era o Carlitos com quem estava acostumado a priar, o seu ídolo integral, o maior gênio da verve, e não compreendeu o Carlitos-ditador, o Carlitos fabricado em consequência dos acontecimentos que se avolumaram sobre o mundo em plena tragédia, o Carlitos-símbolo de uma coletividade paranoica.

Eu, francamente, não sei o que dizer. Fico preso na dúvida, na cruel dúvida, e opto, então, para o público: Carlitos deveria continuar na sua missão de destruir com o riásculo, pulverizar com uma gargalhada, ferir a morte com o indestrutível punhal da sua ironia, esclarecer com a sua brejeira e humaníssima filosofia, como tem feito pelo passado, como tem sempre feito.

Carlitos tem sempre sido um ator tranquilo, um observador sereno, um filósofo mudo. Desta vez, com o "Grande Ditador" foi um homem zangado, um pelejador furibundo e falou pelos cotovelos...

Mas as gargalhadas que não podemos dar no Cine Opera, em compensação, dêmo-as, até demais, no Art Palace, a custa do Gary Cooper, um veterano da tela, mas que sabe onde pôr o seu nariz e sobretudo as suas pernas. E, por falar em pernas, não acharam demais a exposição que faz das mesmas a Barbara Stanwyck? Eu, se fosse Roberto Taylor, mesmo em fita,



— Que me diz você, Marlene, do "Grande Ditador", do Carlitos?
— Digo que o Hitler vai ter uma bruta inveja dos sucessos de Carlitos...

não gostaria da fita que a Barbara, sua mulher legítima, faz com as suas pernas.

Gary e Barbara estão na fita "Bola de Fogo" como manda o figurino: cada qual com o seu temperamento, com o seu espírito, e com o seu especial modo de trabalhar.

A fita não tem que um elemento de sucesso e de novidade: o grupo dos sete professores, companheiros de Gary, e que representam os sete... instrumentos de grande "humour" do celuloide exquisito e sugestivo.

Repararam no Dana Andrew, com aquela cara e com aquele nome de mulher? Reparem bem no homem. O homem irá longe. Alguem disse que ele é um segundo Clark Gable. Eu não acho. Penso que ele é um Clark Gable número 1, numa edição revista e melhorada.

Mais uma fita sobre a guerra. Não é para menos. O assunto principal e de atualiação é a... guerra. Não vivemos nós a guerra? O Cine Bandeirantes tem o Dom Ameche e a Joan Bennet para nos mostrar na película "Confirme ou Desminha". Causas do jornalismo... Causas nossas, por conseguinte. Há sempre um fracasso do jornalista para fitas assim. Mesmo que a fita não preste a gente acha que é boa. Solidariedade de classe.

Duelo bom para nós, homens, é que se passa na tela do Cine Broadway entre a Merle Oberon e a Rita Hayworth, no trabalho "Volta para mim". Não há sujeito que aguento com uma Merle, a mulher-assucar, ou com uma Rita, a mulher-wisky. Misturando as duas, com um pouco de limão de amor, imaginem só que coak-tail de ebriedade e de sensualidade não ofereceria! Não há para ficar surpreendido se o Dennis Morgan entregou os pontos, com a sua carinha de novato nas fitas e na vida. Também com dois tanques como a Merle e a Rita, qualquer camarada daria o prego.

Ha, ainda, na fita, com papel gosado, o Ralph Bellamy, e especialmente o James Gleason, um cabra que um dia será um astro do humorismo ianqui.

No Cine Metro tem mais... fitas de guerra. Norma Shearer volta finalmente à tela com a sua carinha de "concurso de beleza", em companhia de Roberto Taylor, que tem a infelicidade de ser o moço mais bonito de Hollywood. Não se suporta que ele seja também inteligente. Há outra dupla do barulho: Conrad Veidt e Nazimova, dois artistas consagrados. E há uma tipa que se chama Bonita Granville que não é... bonita e não é útil nem a si nem aos outros.

TROISYEUX

MOSCARDO

MARIDO SURPREENDIDO PELA MULHER

TORCIDAS

— Não sei, não... — confessava o Cupaiolo, com o seu terrinho côr de laranja lima, ao Aluino Biagione, o homem do chapéu de quatro pancadas — Mudam-se os guias, mudam-se os diretores, mudam-se os jogadores, mas a tradição não se muda. Vira e mexe, e qualquer canja que joga contra o Palestra, qualquer "armazem de pancadas" que tem que disputar um match com o nosso clube, vira um leão, e entra em campo feito uma féra, e disputa a refrega a ferro e fogo! Viram o S. P. R.? Apanhou de todos, de cincô para cima. Bastou jogar contra o alvi-verde, e foi aquela garapa: não queria perder nem a páu. Bancou o Napoleão: por duas vezes foi posto nocaute, e por duas vezes reagiu, e ficou com a vitória. Vinte minutos antes do término da porfia, o clube dos ferroviários venceu por 2 a 1! Se não fosse um santo a ajudar o Lima, é uma bamba a torcer o pé do Américo, o Palestra perdia a capa, e o Felipe... Não sei, não... Mas se o Palestra continúa a jogar assim, eu acabo morrendo de miocardite...

* * *

Não se trata nem disto nem daquilo. O que há é isto. Os canjinhas da Federação — explicava o Pellegrini ao dr. Michel Scavone, todo enfatiotado com a jaqueta esportiva — não querem outra vida que a de jogar contra o Palestra. Vencer o Palestra é duro, mesmo sendo um Corinthians ou mesmo sendo um São Paulo. Então o canjinha sabe que vencendo o Palestra, um corintiano ou um sampaulino pode dar-lhe um presentinho. Na frente da perspectiva de um premiozinho, qualquer canja quer ser tigre, e joga-se com unhas e dentes contra o palestrino. E encontra um terreno bom. Por que? Porque o Palestrino, que foi sempre trouxa, que foi sempre na onda, entra em campo despreocupado, convencido de que o encontro vai ser facil, que o adversário, sabendo que tem pela frente as camisas verdes, morrem de susto, e jogam com displicência, sem empenho, sem ardôr e, quando, no fim, nota o contrário, então perde a tramontana e o Tramontani, e não acerta nada, faz tudo sob o império dos nervos, e passa pelo vexame de empatar com um canja ou mesmo perder de um... perdião!

— Nada adianta — gritava o Ricotti, com a sua voz de taquara rachada, mas que se ouvia em todos os cantos e recantos do campo — nem campeões daqui, nem campeões dali, do Rio, de Tieté, da Argen-



— Ah, agora, quem me dera ser um Leonidas, para poder driblar a minha mulher, neste jogo que eu tenho com a datilógrafa!

CAFE' LOURENÇO

PRINCEZA — ROCHEDO — O TRIO DE OURO!

Torrefação e Moagem:

Avenida Celso Garcia, 1472 — S. PAULO — Fone: 3-3518

FILIAES:

PENHA — Rua Dr. João Ribeiro N.º 582

MOGÍ DAS CRUZES — Mercado Municipal — Compartimentos 44-45 — Fone: 268

tina, do Perú, da Farofa e nada adianta gastar dinheiro, cobre, milho, grude, e arranjar massagistas que realizam milagres, técnicos que vencem os campeonatos para os outros, corneiros de todos os timbres, e sofrer a alma, e "ietar" o sangue, e reduzir o fígado aos pã-darecs, nada adianta. Há "quinta coluna" que trabalha nos bastidores do Palestra! Se não se exterminarem os "quinta-colunistas", o Palestra não vai!

* * *

O mal vem de longe. Não há nada disso tudo. O que há no Palestra é a falta de comando único. Todos gritam, e ninguém tem razão. Todos dão palpites, e todos têm razão. Todos os diretores pensam que têm o direito de meter o nariz no quadro, na formação dos quadros, no modo de treinar o quadro, na maneira de tratar o quadro. Cada um deles tem as suas simpatias para Pancrácio, para Pafúncio, para Polidoro, e no fim das estrumelas, nada sai bem

feito, porque formam-se as panelinhas de diretores e, por reflexo, formam-se as panelinhas dos jogadores. O melhor meio e o mais simples do mundo é este: o Del Debbio serve para técnico? Merece a confiança de todos? Então, carta branca ao homem, e deixem-no trabalhar em paz. Não serve? Não tem a confiança? Então, trate-se de abrir mão do contrato, e procurar outro.

* * *

Mas não há de ser nada. O Palestra sabe jogar contra os campeões. No dia em que deverá defrontar-se com o Corinthians e com o São Paulo, então, o Palestra dará maiores satisfações aos seus fans. O que não sabe fazer — explicava o Julio Adami ao Giannini — o Palestra é isto somente: jogar bruto. Os outros jogam bruto, e levam esta vantagem sobre o nosso time. No dia em que os palestrinos começarem a bancar os cavalos, então não há adversários para eles! Irão todos de roldão...

MOSCARDO

pendesse da Associação Paulista de Imprensa? A Associação que é nobremente nortecada pelo dr. Zeca Lisboa poderia muito bem, como o Dip. do Rio, e como o Dep. de São Paulo, abraçar todas as manifestações culturais da cidade com os seus respectivos Departamentos. Teríamos, assim, o Departamento dos Escritores, com o Sérgio Milliet presidente; Departamento dos Artistas, com o Eurico Caiuby presidente; e poderia formar-se o bloco, uno e coeso. Afinal de contas, chuva vai, chuva vem, a finalidade é sempre a mesma: a proteção e valorização do artista, seja ele da pena, seja ele do pincel, seja ele do camartelo.

SILVIO PENTEADO — Não se incomode com isso. Não há gasolina? Mas há ainda o telefone, graças a Deus! Basta discar para 5-57-54, e o Alearão Mattalia lhe pode mandar em casa, mesmo sem gasolina, os ravioli do dia e as talhatelas da noite, com a "Rosca Virgilliana", que é do outro mundo!

CORREIA JUNIOR — Não há dúvida alguma que todos os inqueritos para a vivisecação da luz interior do indivíduo que pretende espalhar os seus faros intelectuais para as multidões estarecidas e descaídas são interessantes e principalmente úteis, neste momento excepcional que o mundo suporta e vive. Bom o do Edgard Cavalheiro, que se reduziu a sua "igrejinha" de sempre, não nos dando um nome novo, nem um fato novo; e melhor o da "A Gazeta", com as suas perguntas mais perfuntórias e mais ao sabor do instante trágico que se atravessa. Notável, entretanto, a observação de Manoel Bandeira, quando perentoriamente afirma: "Esse inquerito que vocês estão fazendo provoca verdadeiras confissões. E' bem capaz de muita gente se negar a responder..." Nós conhecemos, de fato, muita gente bôa que andou, nos bons tempos, nos tempos das vacas gordas, ostentando títulos usurpados de "intelectuais", de "alta cultura", de "todas as culturas" — desde a de gordos ordenados mensais ao cultivo traçoceiro de rasteiras abjetas — que seriam bem capazes de se negar a responder, apesar de bancar o brasileiro cem por cento...

EGIDIO BIANCHI — Sobre o racionamento da gasolina, nós temos as nossas convicções radicais: somos pelas medidas drásticas e profundas. Nada de gasolina para os automoveis particulares. Um auto particular é um objeto de luxo. Se o povo, com todas as restrições, sofre nas suas necessidades

VIVE BEM

QUEM DIGERE BEM:

Fernet Cinzano

mais impelentes, porque os privilegiados das elites não podem sofrer nos seus elementos de futilidade supérflua? Um auto particular é um motivo de ostentação de riqueza, e torna-se um insulto, nestes momentos em que todos os racionamentos são irrevogáveis. Portanto, pela nossa opinião, deveria ser proibida a venda de gasolina para automoveis particulares.

O AUSTERO FEDERICO — Não se iluda muito com os intúitos dos japoneses. São bons de bico, eles também. Leia conosco o que proclamou Tsunekiki Komaki, da Universidade Imperial de Quioto, numa alocução pelo rádio e transcrita no número de 11 de abril do "Office of Facts and Figures" de Washington: "Quando Colombo pisou no Continente Americano, era ele despovado? Não. Havia índios. De origem japonesa. Assim parece razoável considerarmos a América uma Ásia Ocidental. A Europa ocupou esse continente somente há alguns

séculos. Mas havia, antes disso, um milhão de nativos vivendo ali. Eram povos asiáticos. A África é também parte da Ásia é considerada pelos gregos como parcela do Continente Asiático. Alexandre, o Grande, assim considerou o Mediterrâneo. Na Europa Setentrional há sangue asiático correndo densamente nas veias de seus habitantes. Na Europa Meridional encontram-se muitos utensílios antigamente usados pelos povos da Ásia. O Oceano Pacífico é um mar para a Ásia. O Oceano Índico também deve ser um mar asiático. O próprio Oceano Atlântico é também acessível aos asiáticos. Não há sete mares no mundo, porém somente, um, e esse tem conexão com o Japão, onde o sol nasce. Todos os oceanos devem, pois, ser considerados como um grande mar japonês". Não lhe disse que também o japonês é bom de bico, e com aquela cara quer ser também, como o seu parceiro ariano, o dono do mundo "el son pére"?



MATRIZ: R. Rodolpho Miranda, 76 S. PAULO

FILIAES:

RIO DE JANEIRO Rua do Cortume, 38

RECIFE Rua da Imperatriz, 118

BELLO HORIZONTE: — Rua Rio de Janeiro, 368

BAHIA: — Praça Tupinambás, 3 Trapiche Adelaide

PORTO ALEGRE: — Rua dos Andradas, 1205

MOSCARDO

CARTAS EXPRESSAS

CHICO CUOCO — Indiscutivelmente, os artigos de J. S. Maciel Filho, no nosso "Estado de São Paulo", encontram completamente o favor e adesão de todos os paulistas, desde os que aqui estão há 400 anos, até os que aqui vieram há dois ou três anos. Inútil dizer que os próprios estrangeiros, os que se acham na Paulicéia há mais de 50 anos, e que se integraram completamente na vida do nosso país — com títulos declaratórios ou com naturalizações, ou sem uns e sem outras — são os que mais satisfeitos ficam com a leitura dos ponderados e justos artigos do nosso ilustre e preclaro colega. De resto, por quanto espinhosa apareça a missão do Maciel Filho, ela é clara e positiva: colocar cada elemento produtivo e útil de colaboração com o progresso do mundo e com o engrandecimento do Brasil na sua devida e lógica posição. Este o fim. E será um fim de gloriosos e nobres resultados.

RAFAEL MAYER — Outro dia, num grupo de industriais e banqueiros, o nosso Ragnognetti, que vive entre os graudos das cifras e os potentados das máquinas, ouviu falar do prezado amigo, e alguém, parece que foi o conde Ugliengo, não titubeou a declarar que o Mayer é o campeão dos "blitz-kriegs" das nossas finanças. De fato, se se olha no seu passado, pouco remoto, e se aprecia o seu presente, tão glorioso, o amigo compôs a mais bela sinfonia da avançada em todas as posições do seu banco, conquistando-as com denodo e com valor, com inteligência e com habilidade. Sobretudo com merecimento. Todo o mundo está farto de saber a sua grande capacidade de trabalho, e não há ninguém que ignore que o Mayer, às 8 e meia de cada manhã, é o primeiro a entrar no seu escritório e a trabalhar. Inútil afirmar que é também o último a sair, quando brilham as luzes da cidade...

ANTONIO GRISI — Há uma forte campanha, nas rodas oficiais financeiras, contra a atitude de certas casas bancárias, que continuam sendo casas de agiotagem escuras, apesar da sua pomposa rotulagem de banco. O clássico 5 por cento ao mês, mais o 3 por cento de comissão, é considerado um caso

de Tribunal de Segurança, e não poucas foram as queixas das vítimas que seguiram para o Rio, com luxo de detalhes e com pormenorizados fatos. Há tipos que foram estrangeiros até à última hora, e que andaram de braços dados com perigosos elementos da "quinta coluna", e que agora abaixaram a crista, mas subiram os juro. Cuidado, muito cuidado, é o que nós recomendamos, para o bem de todos e para a tranquilidade dos bons fatores do progresso econômico da nossa cidade, pois que já passou — e há muito, desde que o Brasil se integrou nos postulados do Estado Novo — o tempo em que o dinheiro era tudo. Com o correr de certas éras trágicas e com a evolução de certos movimentos coletivos, justas aparecem as declarações do dr. Eumundo Barreto Pinto, que disse, um dia, numa roda de amigos, na sua vila de Petropolis, que agora "estão mal, os que estão bem".

OSVALDO RISO — Rio — O que corre em São Paulo é que no Rio de Janeiro o dinheiro corre a... rodo. E é verdade. Na nossa cidade o que falta não é o dinheiro: é a confiança, pois que o paulista foi sempre demasiadamente desconfiado. Não é atôa que se afirma que o paulista é o "pão-duro" do Brasil. Apenas há cousas no ar, o paulista se retrai, paraliza os seus negócios, retira as suas economias dos bancos e as torna a pôr no seu pé de meia, suspende os seus projetos de construir bungalow, palacete ou arranha-céus, não compra novos maquinários para a sua fábrica, não aluga mais lojas no centro da cidade, não gasta um níquel para se divertir, e fica esperando na esquina das suas cogitações. Deixa como está, para vêr como fica. Passado o momento de pânico, então, o paulista volta com maior vigor, com indescritível dinamismo, com a sua clássica atividade ao seu antigo labor, dando tudo, para recuperar o seu tempo perdido.

RODRIGO SOARES JUNIOR — Pode ser, mas pensamos que a coisa não será tão fácil assim. É um desdobrar de movimentos, com incertos resultados. Note bem: quem é sócio da Associação Paulista de Imprensa, também tornou-se sócio da Associação dos Escritores. Porque

no fundo de um jornalista esconde-se sempre um escritor em busca da sua oportunidade para aparecer. Agora acaba de ser fundada a Associação Paulista de Belas Artes. E quem é sócio da Imprensa e dos Escritores, será também da de Belas Artes. Desperdício de dinheiro e de iniciativas. Não seria, ao envez, melhor que tudo isso de-



★ Incrível mas verdadeiro! O mais traquina e rebelde garoto, faz de *Lysodont* o seu melhor companheiro! *Lysodont*, além das propriedades de um creme dental superior e altamente germicida, possui um paladar saboroso... E assim, o escovar os dentes não será um castigo, mas um "saboroso" prazer.

Um Produto do Laboratório Lysoform S.A.



PANAM LD 2

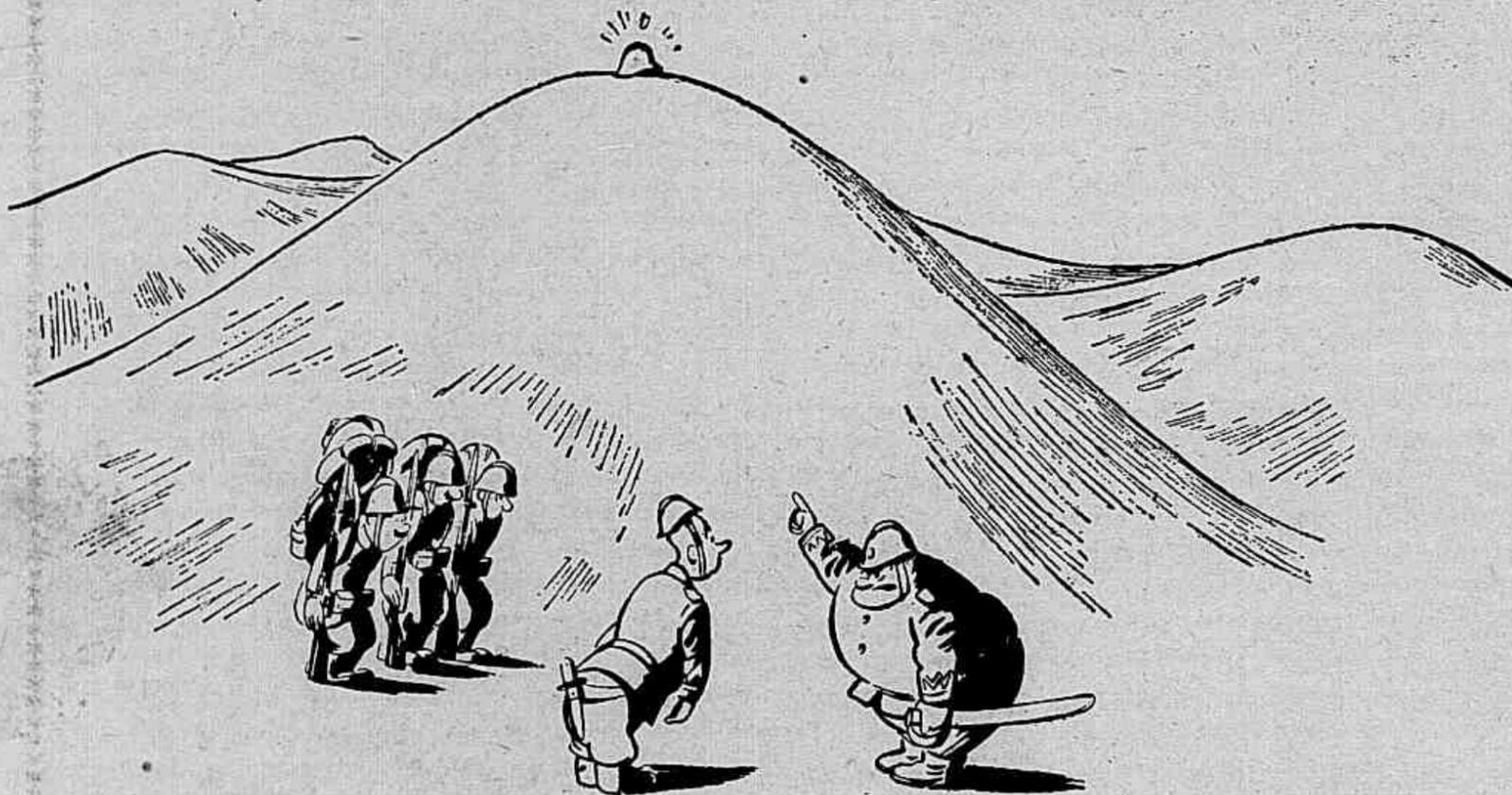


200 réis

Moscardo

N. 689

A GUERRA NO MOLE



— Atraz daquele monte, há o inimigo com metralhadoras, tanques canhões, e aviões, pronto para dar o assalto. Que vamos fazer, camaradas?
— Fugir, seu capitão!

O HOMEM E A SERPENTE

De TRILUSSA, na tradução de AGOSTINHO SOLIMENE

Dormindo a sésta, um tal numa campina,
Sonha, pensando estar nos lindos braços
Duma mulher "gran-fina".
Naturalmente, constrangido aos laços
De um estranho aperto, acorda, febrilmente;
Mas, em lugar desta mulher, cocote,
Encontra, envolta ao côlo, uma serpente,
Com risco de morrer que nem um frangote.
— E's tu? O' que surpresa!
Levei um susto atôa! Disse o coitado,
Enquanto se livrava desta presa.
Porém, ficou bastante impressionado,
Tanto, que após ao fato, confundia
Serpentes com mulheres. Tem-se dado,
Que numa noite em que, por fim, sonhava
Ter uma serpe ao côlo, bem bravia,
Desperta, vendo a esposa que o abraçava.

PROF. D. R. A. CARINI

Exames clínicos para elucidação de diagnósticos

LABORATORIO PAULISTA DE BIOLOGIA

R. São Luiz, 161—Tel. 4-0884
Caixa Postal, 1392
SÃO PAULO

D. R. A. DE CENZO

Oculista-Optometrista
Chefe de clinica no Hospital Italiano.

Das 10 às 12 e das 14 às 18 horas.

R. S. Bento, 181 — S. PAULO